

Autismos e Interfaces da Rede

266 - junho de 2017

Temática

Exclusão e inclusão num grupo de profissionais que trabalha com educação de crianças e adolescentes com dificuldades graves

Bárbara de Souza Conte, Bruna Ferreira Fernandes, Carlos Augusto Piccinini, Fernanda Dornelles Hoff, Fabiana Alves Pereira* Isabel Doval, Nathalia Hammerschmitt

O projeto SIG Intervenções Psicanalíticas vem sendo realizado desde 2010 por integrantes da Sigmund Freud Associação Psicanalítica (SIG), de Porto Alegre. Por meio da escuta psicanalítica, tem como objetivo oferecer uma possibilidade de reflexão e troca entre os grupos que buscam a SIG como recurso de mudança para as condições que se produzem nas instituições. Assim, o projeto realiza um trabalho de ampliação da escuta psicanalítica para outros espaços além dos consultórios, sendo um agente de transformação social ao disponibilizar a escuta psicanalítica aos grupos.

Um dos trabalhos realizados no projeto se dá numa escola especial de ensino fundamental. Entendemos a instituição "escola" como sendo uma zona privilegiada de apresentação dos sintomas sociais, expressos no comportamento de alunos, professores e pais. Na escola em questão, que atende crianças e adolescentes cujos diagnósticos os colocam como necessitados de cuidados especiais, o tema da inclusão/exclusão é exaustivamente examinado. O trabalho pauta-se por discussões que levam em conta que a inclusão não é anular a diferença, mas sim redimensioná-la. A análise em questão apresenta a via a ser discutida, de que:

"o Outro pode vir a encarnar o 'ideal de eu' de um grupo, mas pode também encarnar um excesso pulsional não reconhecido e, portanto, ejetado do registro simbólico. É de lá que o sujeito vê seu próprio desejo, esse estrangeiro que lhe habita, ser interrogado" (Poli, 2005).

O início do nosso trabalho se deu em 2012, a partir da procura de um grupo de professores com uma demanda inicial de um espaço de supervisão clínica, com o propósito de discutir os casos dos alunos. Suas principais queixas eram sobre as diversas dificuldades que as crianças e os adolescentes em questão apresentavam - o que causava uma sensação de impotência na equipe. Este fato se contrapunha à posição na qual a equipe se colocava, como grande conhecedora dessas patologias. Após um espaço de escuta inicial, verificamos, então, que essa proposta reproduzia o conflito do grupo entre si, bem como na prática de seu trabalho: o lugar da identidade e da diferença na fronteira da in/exclusão. Portanto, uns eram colocados no lugar de detentores de um saber, sendo aos mesmos dirigida a demanda de solucionadores das questões, e, em contrapartida, outros colocados fora deste grupo. Conforme propõe Maria Cristina Poli (2005), o Outro em um grupo tende a ser colocado ou numa posição ideal, ou de não reconhecimento. Deste modo, a transferência se estabelecia na busca de que houvesse um "parecer", um "saber" dos coordenadores da SIG sobre o que estava ocorrendo. Novamente fica reproduzido que o saber estava destinado a alguns "incluídos", portanto nos que eram colocados numa posição de ideal.

Tal queixa, ao ser escutada, possibilitou a identificação de uma demanda, assim constituindo-se um grupo de escuta. Um dos primeiros temas incluía as dificuldades de resolução de questões, sendo estas assumidas ou delegadas a alguém ou a algum grupo como expectativa de ser o detentor da solução: os professores antigos, os novos, a direção ou, ainda, os coordenadores do SIG/Intervenções, como acima dito. A transferência aí posta mostrava a repetição de uma posição de grupo, que tanto coloca a queixa como a solução das questões fora de si, como uma possível repetição dos movimentos de exclusão vivenciados pelas crianças da escola por suas patologias graves (síndromes, psicose, autismo, etc.).

O grupo de psicanalistas mantém na escuta a abstinência necessária para, através da transferência, pontuar aquilo que não podia ser visto, ou seja, o que se repete - a busca de alguém que tenha uma resposta, uma solução. Sair dessa posição de ideal - que nesse caso estaria em aceitar o pedido de supervisionar as situações e poder oferecer a escuta ao grupo - é o que faz os sujeitos e grupos em questão entrarem em cena e buscarem o que há de enigmático nas suas relações, que provoca o estrangeiro que está em cada um.

Conforme nos dizem Conte e Perrone, em *Exclusão e inscrição psíquica*:

"o acesso à fala movido pela oferta da palavra com a possibilidade de uma associação livre coletivizada é a proposta de um grupo de escuta, onde a experiência vivida é narrada e compartilhada, buscando a não reprodução do igual, ou do que poderíamos chamar de discurso da instituição, mas sim uma experiência compartilhada que busca gerar uma nova proposta discursiva, capaz de reintroduzir a subjetividade ou a singularidade do sujeito que resiste às formas de simbolização." (Conte e Perrone, 2012, p.19)

Com a oferta do espaço de fala e escuta, a intervenção psicanalítica entra em cena. Nas suas múltiplas torções, marca as torções no próprio conceito de inconsciente. Ocorre aos poucos a dissolução da ideia da intervenção que visa dar conta de transformar o inconsciente em consciente por meio das interpretações e construções em análise. A análise do inconsciente é infundável. Há algo enigmático e inesgotável posto no dispositivo da transferência - o desejo. Foi a partir das contribuições de Lacan com a sua proposta do inconsciente estruturado como linguagem que uma ruptura se deu no impasse interpretativo, pensando o significante desta forma como prioritário ao significado. O inconsciente como um texto sem pontuação, escrito em caracteres estranhos e em uma língua estrangeira, onde o trabalho não é traduzi-lo, e sim pontuá-lo:

“a escansão reconfigura o fluxo das significações para estrategicamente inseri-las em um novo espaço, provocar uma ruptura ou atravessar um obstáculo no discurso inconsciente, como um tipo de sinal de pontuação que redimensiona o trabalho analítico. Pode ser apenas um som, ou um comentário que organiza os elementos da fantasia subjacente” (Lopez e Dal'Igna, 2007).

Numa sociedade de hiperadequação ao social, em que a cultura do narcisismo e, portanto, da busca da perfeição impera, a potência da psicanálise, também no trabalho com grupos, está em renovar questões, garantir um espaço de reconhecimento e aceitação das diferenças, de escutar a fala do outro sem impor um muro normativo ou a catarse. Isso é próprio da psicanálise. Roos (Lopez e Dal'Igna, 2007) interroga sobre as questões que emergem em torno do tema da "diferença" e da "inclusão" no que diz respeito aos discursos que o constituem e ao processo de "não aprendizagem". Os professores, de certa forma, se identificam com o paradigma de que a inclusão se dá pela diferença/aprendizagem. Aquele que não aprende está excluído e passa a ter seu processo de subjetivação e diferenciação em risco. A autora é enfática ao dizer que há um *eu* cultural positivo, inventado, certo, superior, um "eu padrão", e em contrapartida, um outro, diferente, inferior, anormal e deficitário". Assim, o ideal se instala no diferente que atinge o aprendizado, portanto, incluído. O "não diferente" revela o "não aprendizado", ou seja, aquele que, ao não corresponder ao ideal de racionalidade das classificações e rotulações, torna-se excluído.

Podemos, portanto, verificar igualmente esta dinâmica no grupo de professores quando se intensificaram as queixas e as desmotivações frente aos processos não conquistados com os alunos: "eles não aprendem" - fala queixosa de diversos professores. E frente aos alunos não conseguirem fazer o que é da ordem do ideal, os professores se sentem desqualificados, se melancolizam e adoecem.

No ano de 2014, a primeira fala dos professores no início do grupo foi de que estavam adoecendo. Esta fala era relacionada, principalmente, ao sentimento de "serem deixados na mão", queixando-se de tudo o que estava faltando. Era o excesso de alunos, a falta de professores, de monitores, de união entre os grupos, bem como a ausência de cursos de capacitação, etc. Ocorreu uma "situação denúncia" no grupo, que contava das falhas de comunicação entre eles, professores e diretoria. Portanto, ao haver um corte na comunicação entre professores e direção, exigiam-se fazer tudo. A falta não aparece. Adoecem pelo excesso de trabalho e pela exigência de que o processo seja ideal, em uma escola onde a diferença/não diferença ocorre em um intervalo muito aproximado. Passam a ser trabalhadas com o grupo, entretanto, formas de criação "entre" eles, com o saber deles.

A partir da escuta, vai surgindo o sentimento de desamparo do grupo de professores frente à demanda da instituição de cumprir com o projeto pedagógico - o que nem sempre era possível, considerando-se as limitações dos alunos com síndromes, deficiências, doenças psíquicas como psicose e autismo. Na busca de atender às demandas, por vezes maiores do que poderia dar conta, o grupo incluía alguns como os conhecedores dessas dificuldades, portadores de um saber que imaginavam dar conta do seu fazer e, por outro lado, outros que não seriam capazes. Cria-se então uma divisão entre o positivo, superior e o negativo, deficitário.

Os integrantes passam a falar mais de si e das situações do trabalho - movimento do grupo de se reconhecer e trabalhar. Aos poucos, buscou-se criar operadores que historizassem a forma como estavam configurados, tratando de dar reconhecimento às competências dos integrantes e a transmissão entre eles.

O tema do grupo, em determinado momento, passou a ser como lidar com a sexualidade de alunos tão prejudicados. Novamente, a questão dos que sabem e dos que não sabem se fez presente, promovida pela entrada de novos professores e pela saída dos que estavam por se aposentar. Fica como se houvesse uma ameaça entre o novo que não sabe, representado pela sexualidade desgovernada, por sua condição de inexperiência na instituição, e o sabido que estava em questão. Como eles imaginavam que os novos dariam conta das demandas? Seriam capacitados para tal exercício da atividade? As entradas e saídas de professores marcavam o saber e o não saber e encobriam o luto pelas perdas e o intempestivo do novo. Receber o novo com a potencialidade de criar outros caminhos estava aos poucos sendo construído.

Em agosto de 2015, a partir de um pedido do grupo, a equipe diretiva também passa a ser escutada em um horário mensal. As questões discutidas giram em torno da cobrança, sentida por parte do grupo de professores, de solucionar questões dos alunos. Por sua vez, a direção tem a expectativa de que os professores deem conta dessas questões, gerando uma discussão em torno dessa dissociação por diversos encontros.

Iniciamos o ano de 2016 com certa angústia frente aos inúmeros pedidos dos grupos e do que se repetia nas falas. Enquanto grupo de coordenação do Projeto, resolvemos contar com uma escuta de fora da SIG e convidamos um colega psicanalista com experiência em escola para nos ouvir. Percebemos, contudo, que o saber, neste grupo, esconde a impotência e que há uma cisão que garante o poder. Virar caos é sair do lugar do saber. Não saber é caos. O não saber aparece como destituindo o grupo de professores e equipe diretiva de um lugar de valor e aí se identificam com os alunos, reproduzindo a violência e o caos. Apresentava-se um desmantelamento do investimento nas pessoas e no trabalho, fazendo com que os professores ficassem no desamparo. Desmantelamento da escola *versus* cisão do grupo. A potencialidade de cada um em relação ao grupo fica investida através da escuta e associação livre, que permite aos poucos os sujeitos fazerem cargo do seu lugar de valor, através daquilo que puderam construir através da fala.

Nessa perspectiva, iniciamos o ano de 2017 com o objetivo de fazer um encontro entre todos, tanto da escola quanto nós, psicanalistas da SIG, que os escutamos nos diferentes grupos. Ao decorrer dos meses, trabalhamos as questões deles a passarem a trazer as atividades conjuntas com a comunidade, atividades que congregassem a escola junto à comunidade como Feira do Livro, Festa do Dia das Mães, Festa Junina, com isso os professores conseguem dizer que a escola não é só o lugar onde vem ouvir coisas ruins, mas também é um lugar para confraternizar e o quanto é importante olhar para seus alunos, considerando as dificuldades das famílias implicadas.

No penúltimo encontro do ano, dia do aniversário da escola, o grupo começou com uma fala do quanto havia mudado e de que tinha se fortalecido. Depois de um tempo, perguntam quando daremos uma “devolutiva” para eles, no sentido de quando apresentaríamos os resultados do nosso trabalho com eles, bem num modelo em que nós estaríamos lá apresentando respostas a eles. Nossa proposta foi a de pensarmos como eles estavam se vendo ao longo do processo, assim quem era novo na escola também saberia da história. A partir do que falavam, fomos articulando as questões trabalhadas com os outros grupos e com a direção. Disso resultou que o encontro de encerramento do ano contasse com todos os grupos - professores, coordenação, monitores e todos os coordenadores. .

Nosso último encontro teve duração de duas horas. Quase todos da escola e do SIG Intervenções estavam lá, e a sala estava cheia. Apesar de nem todos estarem presentes, o encontro abriu caminho para muitas falas, que iam desde os efeitos nos alunos, - que também estavam vivendo o mesmo momento - até as indignações dos professores pela negligência do sistema da rede, que os fazia terem de se encarregar da situação emergencial, por não terem a quem recorrer. E, por fim, a dificuldade de falarem entre si e de se ouvirem. Não falar entre si. Contudo, naquele dia, quase todos falaram, movimento contrário ao que normalmente ocorre nos encontros onde sempre os mesmos falam e os demais ficam quietos.

Com isso, concluímos que, ao escutar o singular em um grupo, através da abstinência e associação livre, conforme nossa proposta inicial, aos poucos vão se criando caminhos de reflexão. Trata-se de um singular que é tocado pelos movimentos do grupo, e que também toca o todo com suas próprias questões. Neste sentido pensamos o individual reverberando em um grupo. Os conteúdos postos em cena, articulando os desejos dos sujeitos coletivamente, promovem movimentos de saída para a exclusão e a quebra da cristalização das dificuldades existentes, em um movimento onde uns podem escutar os outros e, portanto, constituir-se como grupo.

Bibliografia:

CONTE, Bárbara de Souza; PERRONE, Cláudia. Grupo de Escuta: Uma Experiência com Professores. In: *Exclusão e Inscrição Psíquica: Da escuta Psicanalítica no Social* (org. Barbara de Souza Conte e Silvana Henzel). Ed. Evangraf. Porto Alegre, 2012.

FREUD, Sigmund. (1914) À Guisa de Introdução ao Narcisismo. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (trad. Luiz Alberto Hans). Ed. Imago, Rio de Janeiro, 2004.

FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir, Elaborar. In: *Obras Completas Sigmund Freud*. Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2013.

LOPEZ, Maura; DAL'IGNA, Maria Cláudia. In/exclusão. *Nas tramas da escola*. Ed. ULBRA. Porto Alegre, 2007.

Autor: Bárbara de Souza Conte, Bruna Ferreira Fernandes, Carlos Augusto Piccinini, Fernanda Dornelles Hoff, Fabiana Alves Pereira* Isabel Doval, Nathalia Hammerschmitt

Este trabalho foi apresentado na V Jornada do Movimento Psicanálise, Autismo e Saúde Pública (MPASP), realizado nos dias 7 e 8 de abril de 2017 em Porto Alegre.

Autores

Bárbara de Souza Conte. Psicanalista. Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madri. Membro pleno da Sigmund Freud Associação Psicanalítica RS. Coordenadora do Projeto SIG/Intervenções Psicanalíticas e participante do Projeto Clínicas do Testemunho /Comissão de Anistia.

Bruna Ferreira Fernandes. Psicóloga, Membro associado da Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre.

Carlos Augusto Piccinini. Psicólogo e psicanalista. Porto Alegre.

Fernanda Dornelles Hoff. Psicóloga Psicanalista. Instituição Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Coordenadora do Estágio de Psicologia Clínica na Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre.

Fabiana Alves Pereira. Psicóloga Psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre.

Isabel Doval. Psicóloga Psicanalista. Instituição Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

Nathalia Hammerschmitt. Psicóloga Psicanalista em formação pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Porto Alegre.